The background of the cover is a detailed illustration of a forest path. A person in a dark cloak and hat is walking away from the viewer down a path covered in fallen leaves. The trees are tall and thin, with some evergreens in the foreground. A crow is perched on a tree stump in the lower center. The top of the cover features a decorative border with green and yellow leaves on a green background, transitioning to a red background with orange and red leaves at the corners.

Charles  
Perrault

Histórias  
ou  
Contos de Outrora

*concepção e tradução:* Renata Cordeiro

*ilustrações:* Gustave Doré



LANDY  
EDITORA

## A BELA ADORMECIDA NO BOSQUE

**E** RA UMA VEZ um rei e uma rainha que estavam tão aborrecidos por não terem filhos, mas tão aborrecidos, que seria impossível dizê-lo. Iam a todas as estações de águas<sup>1</sup> do mundo: faziam promessas, peregrinações, preces, tentavam de tudo, mas nada dava resultado. No entanto, a rainha acabou por engravidar, e deu à luz uma menina. O batizado foi uma festa linda, ímpar. A princesa teve por madrinhas todas as fadas da região (encontraram-se sete), para que, por meio de cada dom concedido por elas, como era o costume das fadas naqueles tempos, a princesinha tivesse todas as perfeições imagináveis.

Após as cerimônias do batismo, a comitiva voltou ao palácio real, onde havia um grande banquete oferecido às fadas. Diante de cada uma foi posto um magnífico talher, num estojo de ouro maciço, cravejado de diamantes e rubis, em que havia uma colher, um garfo e uma faca de puro ouro.<sup>2</sup>

---

1. No século XVII, as águas de Purgues e sobretudo de Forges eram consideradas milagrosas para curar a esterilidade conjugal.

2. Um talher (garfo, faca e colher) era um luxo no século XVII, o de Perrault, e o estojo tão preciosamente ornamentado, uma grande honra.

Mas quando todos tomavam lugar à mesa, surgiu uma fada velha que não havia sido convidada porque fazia mais de cinquenta anos que se trancara numa torre e todos a julgavam morta ou encantada. O rei ordenou que lhe dessem um talher, mas não foi possível dar-lhe um estojo de ouro maciço, como às outras, porque só haviam sido encomendados sete, para as sete fadas. A velha achou que a desprezavam, e grunhiu algumas ameaças entredentes.

Uma das jovens fadas que estava perto dela a ouviu, e julgando que poderia conceder algum dom nefasto à princesinha, foi, assim que todos deixaram a mesa, esconder-se atrás da tapeçaria, para ser a última a falar, na esperança de reparar, na medida do possível, o mal que a velha pudesse ter em mente fazer.

Então, as fadas começaram a ofertar os dons à princesa. A mais nova lhe concedeu o dom de ser a mais bela pessoa do mundo, a seguinte, o de ter o espírito de um anjo, a terceira, o dom da graça admirável em tudo o que fizesse, a quarta, o de dançar perfeitamente bem, a quinta, o dom de cantar como um rouxinol, e a sexta, o de tocar todos os tipos de instrumentos com a máxima perfeição. Quando chegou a vez da fada velha, esta disse, balançando a cabeça mais por despeito do que por velhice, que a princesa espetaria a mão no fuso de uma roca de fiar e que disso morreria.

Essa terrível predição fez todos tremerem, e não houve quem não chorasse. Nisso, a jovem fada saiu detrás da tapeçaria, e disse alto e bom som:

– Fiquem tranquilos, rei e rainha, a princesa não morrerá disso. É verdade que não tenho poder o bastante para desfazer por completo o que a minha precedente fez. A princesa espetará a mão num fuso, mas, em vez de morrer, mergulhará num sono profundo por cem anos. Ao fim desse tempo, o filho de um rei virá despertá-la.

Todavia, o rei, na tentativa de evitar a desgraça anunciada pela fada velha, mandou de imediato publicar um edital que proibia, sob pena de perder a vida, a posse e o uso de rocas de fiar.

Ao fim de quinze ou dezesseis anos, tendo o rei e a rainha ido a uma das suas casas de campo, aconteceu de a jovem princesa percorrer todos os recônditos do castelo, subindo de cômodo em cômodo, até chegar a uma torre, em cujo topo encontrou um sótão miserável, onde uma velha fiava sozinha na roca. A boa mulher não sabia da proibição do rei, pois morava ali havia anos e nunca ouvira falar disso.

– O que está fazendo, senhora? – perguntou-lhe a princesa.

– Estou fiando, linda menina – respondeu-lhe a velha, que não a conhecia.

– Ah! Como é bonito! – retomou a princesa. – Como faz? Mostre-me para que eu faça tão bem quanto a senhora.

Não poderia ter pego o fuso mais rápido, de tão viva que era, além de ser um pouco estabanaçada, como, aliás, o determinava o decreto das fadas. Logo espetou a mão e caiu sem sentidos.

A velha, aflitíssima, grita<sup>3</sup> por socorro; vêm pessoas de todos os lados; lançam água no rosto da princesa; desapertam-lhe as roupas, esfregam-lhes as têmporas com água da rainha da Hungria;<sup>4</sup> mas nada a fazia voltar a si.

Então o rei, que subiu ao ouvir o tumulto, lembrou-se da predição das fadas, e julgando que aquilo tinha de acontecer e nada havia a fazer, mandou acomodar a princesa no mais lindo aposento do palácio, numa cama com bordados de ouro e prata. Parecia um anjo, de tão linda que era, pois o desmaio não lhe tirara as cores vivas da tez: o rosto estava corado e os lábios da cor do coral, só os olhos é que estavam fechados, mas respirava tranqüilamente, o que demonstrava que não morrera. O rei deu ordem para que a deixassem dormir em paz, até que a hora do seu despertar chegasse.

---

3. O uso do presente do indicativo é um resquício da oralidade do conto.

4. Conta a lenda que um anjo disfarçado de eremita ensinou a Santa Isabel de Hungria a receita desta água: vinho e folhas de romero (arbusto de frutos secos, com quatro sementes miúdas). Era indicada contra várias dolências, como desmaios, e também contra a tristeza.

A boa fada, que lhe salvara a vida condenando-a dormir por cem anos, estava no reino de Mataquino, a doze mil léguas<sup>5</sup> de distância, quando se dera o incidente com a princesa; porém, ela foi avisada num instante por um anãozinho, que tinha botas sete-léguas (que percorriam sete léguas com uma só passada). A fada partiu logo, e viram-na chegar numa carruagem de fogo, puxada por dragões. O rei foi oferecer-lhe a mão para que descesse.

A boa fada aprovou tudo o que ele fizera, mas como era muito previdente, pensou que quando a princesa despertasse, ficaria muito desorientada, sozinha naquele velho castelo. Então fez o seguinte: tocou com a varinha tudo o que estava no castelo (com exceção do rei e da rainha), governantas, damas de honra, camareiras, gentis-homens, empregados,<sup>6</sup> chefes de cozinha, cozinheiros, aprendizes de cozinheiros, copeiros, mensageiros, guardas, porteiros, pajens, lacaios; e também todos os cavalos que estavam nas estrebarias com os cocheiros, os grandes mastins de galinheiros, e a pequena Puffe, a cachorrinha da princesa, que não lhe saía de ao pé da cama. Num passe de mágica, todos adormeceram para só virem a despertar no mesmo instante que a sua senhora, e prontos para servi-la quando ela precisasse; até mesmo os espetos, que estavam no fogo cheios de perdizes e faisões, adormeceram, bem como o próprio fogo. Tudo isso se deu num instante; as fadas faziam rápido o seu trabalho.

Então, o rei e a rainha, depois de beijarem a filha querida sem que ela despertasse, saíram do castelo, e proibiram, a quem quer que fosse, aproximar-se do palácio. O que não era necessário, pois em quinze minutos, cresceram, em torno do parque, tantas árvores, grandes e pequenas, sarças e espinhos entrelaçados, que

---

5. Sessenta mil quilômetros.

6. *Officiers*, no original. No século XVII eram aqueles que adquiriam uma profissão mediante o pagamento de uma taxa.



animal algum, homem algum, poderia passar, de modo que não se via nada além do topo das torres do castelo, ainda que se ficasse a grande distância. Não se duvidou de que aquilo era obra da boa fada, para que a princesa, enquanto dormisse, não tivesse nada a temer dos curiosos.

Cem anos depois, o filho do rei que então reinava, e que não pertencia à família da princesa adormecida, foi caçar para aqueles lados, e perguntou o que seriam aquelas torres que ele via acima de um grande e denso bosque. Cada um lhe respondeu de acordo com o que ouvira falar. Alguns diziam que era um velho castelo para onde os espíritos voltavam; outros que todos os feiticeiros da região ali praticavam o sabá.<sup>7</sup> A opinião mais comum era a de que um ogro<sup>8</sup> morava no castelo, e que para lá levava todas as crianças que conseguia pegar, para poder comê-las à vontade, e sem que o pudessem seguir, e que ele era o único que tinha o poder de atravessar o bosque.

O príncipe não sabia em quem acreditar, quando um velho camponês tomou a palavra, e lhe disse:

– Meu príncipe, faz mais de cinqüenta anos que ouvi de meu pai que nesse castelo havia uma princesa, a mais bela do mundo, que deveria dormir por cem anos, e que o filho de um rei, a quem estava destinada, a despertaria.

O jovem príncipe, a tais palavras, se inflamou; tinha a firme convicção de que poria fim àquela belíssima aventura, e impulsionado pelo amor e pela glória, resolveu, de imediato, ver o que lá se passava. Assim que se dirigiu para o bosque, todas aquelas árvores enormes, aquelas sarças, aqueles espinhos se separaram para dar-lhe passagem: ele foi em direção ao castelo que vislumbrava no fim de um grande caminho, onde entrou, e o que o surpreendeu um pouco foi ver que ninguém o

---

7. Reunião ou encontro secreto de feiticeiros e feiticeiras.

8. Gigante voraz que come crianças. O mesmo que “papão” ou “bicho-papão”.

pudera seguir, porque as árvores se haviam juntado assim que ele passara. No entanto, prosseguiu: um príncipe jovem e apaixonado é sempre valente.

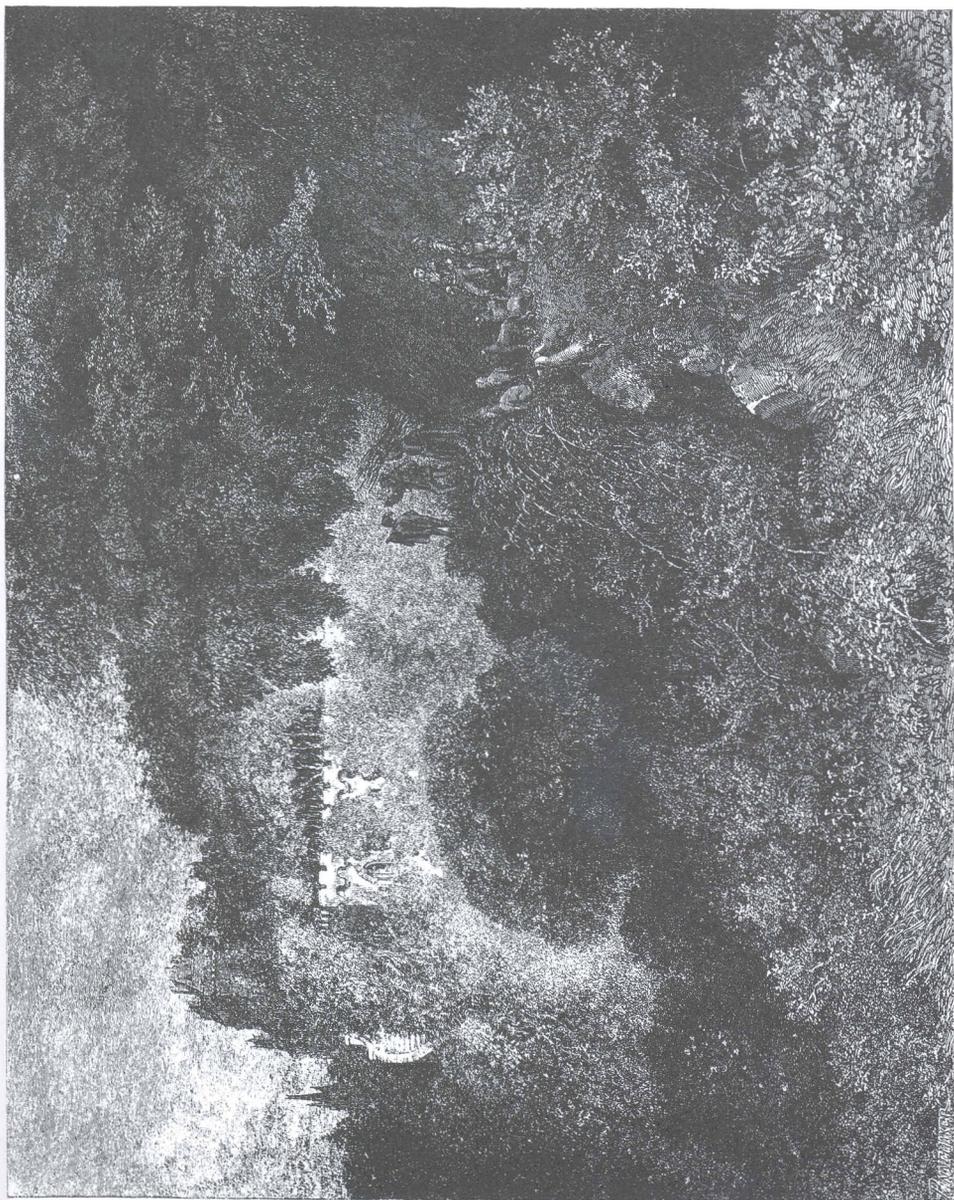
Entrou num grande pátio onde tudo o que viu diante de si era de meter medo: um silêncio horrível, a imagem da morte por toda parte, corpos de homens e animais estendidos como se estivessem mortos. No entanto, percebeu, pelo nariz cheio de espinhas e o rosto corado dos porteiros, que eles apenas dormiam, e as suas taças, em que ainda havia algumas gotas de vinho, mostravam que eles haviam adormecido enquanto bebiam.

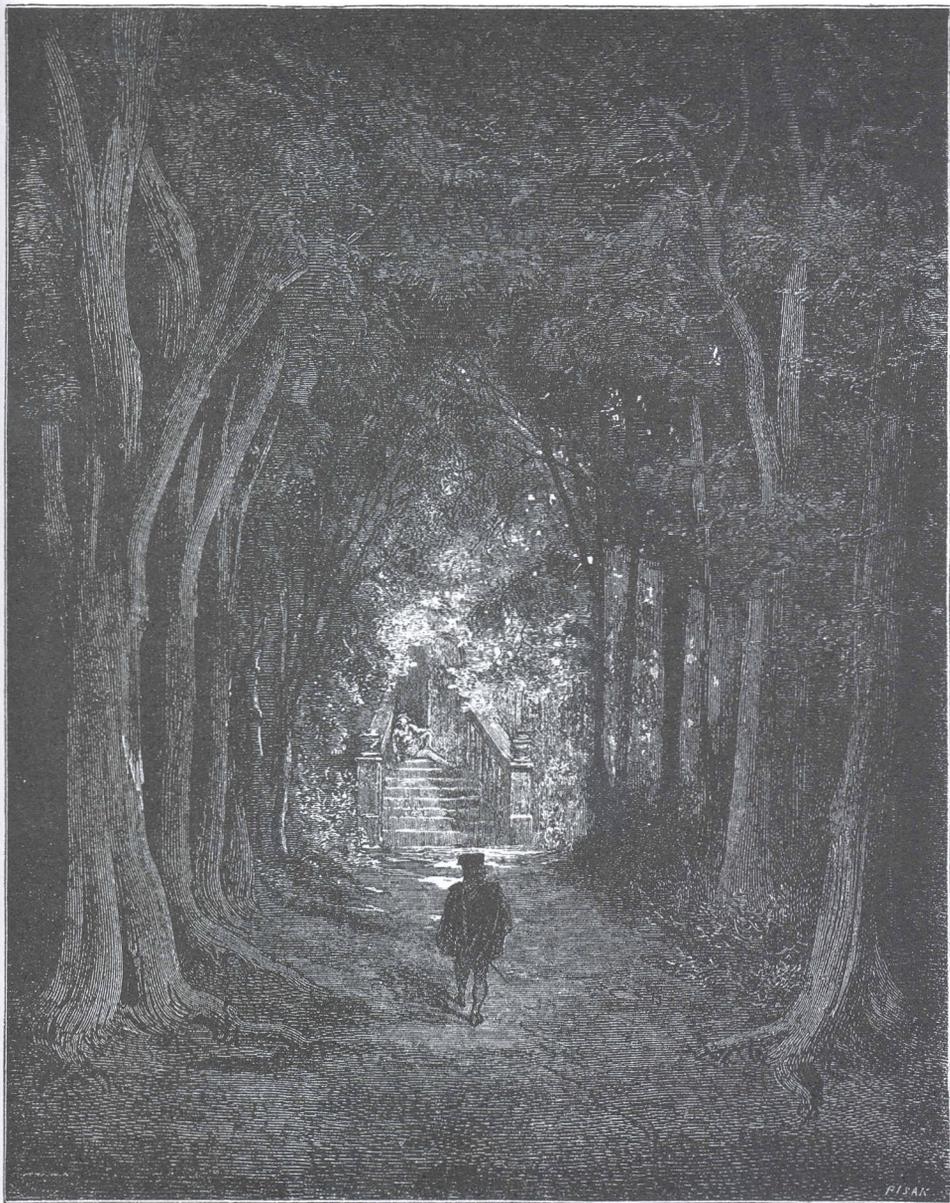
Passa por um grande pátio com piso de mármore, sobe a escada, entra na sala dos guardas, todos enfileirados, de baionetas ao ombro, e roncando a valer. Atravessa vários cômodos cheios de gentis-homens e damas, todos adormecidos, uns de pé, outros sentados; entra num quarto todo dourado, e vê numa cama, de cortinas entreabertas, o mais belo quadro que ele jamais vira: uma princesa que parecia ter quinze ou dezesseis anos, e cujo brilho resplandecente tinha algo de luminoso e divino. Aproximou-se, trêmulo e admirado, e ajoelhou-se aos seus pés.

Então, findo o encanto, a princesa despertou; e olhando para ele com os olhos mais ternos do que ver uma pessoa pela primeira vez parece permitir, disse:

– É você, meu príncipe? Eu o esperei tanto!

O príncipe, encantado com essas palavras, e mais ainda com a maneira pela qual eram ditas, não sabia como expressar-lhe a sua alegria e o seu reconhecimento; garantiu-lhe que a amava mais do que a si mesmo. Falou desajeitadamente, mas as suas palavras agradaram muito; pouca eloquência, muito amor. Estava mais embaraçado do que ela, e isso não causa surpresa alguma; ela tivera tempo de sonhar com o que teria a dizer-lhe, pois parece (embora a história não o diga) que a boa fada, durante o tão longo sono, lhe proporcionara sonhos agradáveis. Enfim, fazia quatro horas que eles conversavam, e ainda não haviam dito metade do que tinham a se dizer.









No entanto, todo o palácio havia despertado com a princesa; todos haviam sonhado que cumpriam as suas tarefas, e como nem todos estavam apaixonados, acordaram mortos de fome; uma das damas de honra, atarantada como os demais, perdeu a paciência, e disse bem alto à princesa que a carne estava servida. O príncipe ajudou a princesa a se levantar, ela estava toda vestida, e magnificamente, mas ele teve o cuidado de dizer-lhe que embora estivesse trajada “como a minha avó”, com um colarinho de renda,<sup>9</sup> nem por isso estava menos bela.

Passaram para a sala dos espelhos, onde lhes foi servida a ceia; os violinos e os oboés tocaram velhas peças, porém excelentes, embora fizesse mais de cem anos que ninguém as tocava; e depois da ceia, sem perder tempo, o capelão-mor os casou na capela do castelo, e a dama de honra fechou a cortina do leito nupcial: dormiram pouco, a princesa não necessitava muito de repouso, e o príncipe a deixou assim que amanheceu para voltar à cidade, pois o pai devia estar preocupado com ele.

O príncipe lhe disse que se perdera na floresta enquanto caçava e que dormira na cabana de um carvoeiro, que lhe oferecera pão preto e queijo. O rei seu pai, que era um homem bom, acreditou, porém a mãe não ficou persuadida, e vendo que ele ia quase todos os dias caçar, e que sempre tinha uma desculpa na ponta da língua quando passava duas ou três noites fora, não teve mais dúvidas de que se tratava de um namorico: ele viveu com a princesa assim mais de dois anos inteiros, e eles tiveram dois filhos, tendo o primeiro, que era uma menina, recebido o nome de Aurora, e o segundo, um menino, o de Dia, porque parecia ainda mais belo do que a irmã.

A rainha pediu várias vezes ao filho que se lhe explicasse, que devia levar a vida regrada, mas ele não tinha a coragem de lhe confiar o seu segredo; temia-a, embora a amasse, pois ela

---

9. Já fora de moda no século XVII.

era da raça dos ogros, e o rei só a desposara pelos seus grandes bens; dizia-se até mesmo na Corte, em surdina, que tinha a inclinação dos ogros, e que toda vez que via criancinhas, era a duras penas que conseguia conter-se; por isso, o príncipe jamais quis contar-lhe nada.

Mas quando o rei morreu, fato sucedido dois anos depois, ele se viu senhor e declarou publicamente o seu casamento, trazendo, com pompa e circunstância, a esposa ao castelo. Fizeram-lhe uma recepção magnífica na cidade principal, onde ela entrou seguida dos filhos.

Passado um tempo, o novo (já não era tão jovem assim) rei foi guerrear com o imperador Cantalabuto, seu vizinho. Deixou a rainha-mãe como regente do reino, e lhe recomendou muito a esposa e os filhos: deveria ficar guerreando por todo o verão, e assim que ele partiu, a rainha-mãe mandou a nora e os seus filhos para uma casa de campo na floresta, para poder saciar mais facilmente a sua horrível vontade.

Alguns dias depois, ela mesma foi para lá e, certa noite, disse ao cozinheiro:

– Amanhã, no jantar, quero comer a pequena Aurora.

– Ah, não, senhora! – disse o cozinheiro.

– Eu quero – disse a rainha, e o disse num tom de ogra com vontade de comer carne fresca. – E quero comê-la ao molho Roberto.<sup>10</sup>

O pobre homem, sabendo perfeitamente que não se devia discutir com uma ogra, pegou o facão e subiu ao quarto da pequena Aurora: tinha então quatro anos, e veio, pulando e rindo, lançar-se-lhe ao pescoço, e pedir-lhe balas. Ele começou a chorar, deixou o facão cair, e foi, resoluto, até o viveiro degolar um cordeirinho, que preparou com um molho tão bom que

---

10. Molho feito de manteiga, farinha, cebolas, água fervida, vinho branco, mostarda, sal e pimenta. É um excelente acompanhamento para carne bovina.

a patroa lhe garantiu que nunca havia comido nada igual. Entrementes, ele pegara a pequena Aurora e a dera à sua mulher para que esta a escondesse na casa que eles tinham atrás do galinheiro.

Oito dias depois, a malvada rainha disse ao cozinheiro:

- Na ceia, quero comer o pequeno Dia.

Ele não replicou; decidido a enganá-la como da outra vez, foi buscar o pequeno Dia, e o encontrou empunhando um pequeno florete, com o qual duelava com um grande macaco; no entanto, tinha só três anos. Levou-o à esposa, que o escondeu com a pequena Aurora, e pôs no lugar do pequenino Dia um cabritinho bem macio, que a ogra achou admiravelmente bom.

Tudo estava dando certo, mas certa noite a malvada rainha disse ao cozinheiro:

- Quero comer a rainha com o mesmo molho com que comi os seus filhos.

Então, o pobre cozinheiro se desesperou, pois não sabia como poderia enganá-la. A jovem rainha já passava dos vinte anos, sem contar os cem que dormira: tinha a pele um pouco dura, apesar de linda e branca; e como encontrar um animal tão duro assim?

Resolveu, para salvar a própria vida, degolar a rainha, e subiu ao seu quarto, decidido a dar um só golpe; tentava enfurecer-se, e entrou de punhal na mão no quarto da jovem rainha. Porém, não quis surpreendê-la, e contou-lhe com muito respeito a ordem que recebera da rainha-mãe.

- Cumpra o seu dever - disse-lhe ela -, oferecendo-lhe o pescoço. - Execute a ordem que lhe deram; vou rever os meus filhos, os meus pobres filhos que tanto amei (ela os julgava mortos desde que os haviam levado sem lhe dizerem nada).

- Não, não, senhora - respondeu-lhe o pobre cozinheiro todo comovido -, não morrerá, e não deixará de rever os seus queridos filhos, mas isso acontecerá na minha casa, onde os escondi, e eu vou enganar a rainha de novo, fazendo-a comer uma jovem corça no seu lugar.

Levou-a imediatamente à sua casa, onde ela se pôs a beijar e chorar com os filhos, enquanto ele próprio foi preparar uma corça, que a rainha comeu na ceia, com o mesmo apetite com que teria comido a jovem rainha. Estava muito contente com a sua crueldade e preparava-se para dizer ao rei, quando ele voltasse, que os lobos enraivecidos haviam comido a rainha sua esposa e os seus dois filhos.

Certo dia, quando passeava, como de costume, pelos pátios e pelos viveiros da casa de campo para farejar alguma carne fresca, ouviu, na casa que ficava atrás do galinheiro, o pequeno Dia aos prantos, pois a rainha sua mãe queria vergastá-lo porque ele fora desobediente, e ouviu também a pequena Aurora pedindo clemência para o irmão. A ogra reconheceu a voz da rainha e dos seus filhos, e, furiosa por ter sido enganada, ordenou no dia seguinte, assim que amanheceu, com voz assustadora que fazia todos tremerem, que trouxessem para o meio do pátio um caldeirão, e que o enchessem de sapos, víboras, cobras e serpentes, para que nele fossem lançados a rainha e os seus filhos, bem como o cozinheiro, a sua esposa e a empregada desta: determinara que os trouxessem com as mãos amarradas nas costas.

Estavam lá, e os carrascos se preparavam para lançá-los ao caldeirão, quando o rei, que não era esperado tão cedo, entrou no pátio a cavalo; viera às pressas, e perguntou, apavorado, o que significava aquele horrível espetáculo; ninguém ousava responder-lhe, quando a ogra, enraivecida por ver o que via, se atirou de cabeça no caldeirão, sendo devorada num instante pelos bichos asquerosos que ela própria mandara pôr lá dentro. É claro que o rei ficou triste: ela era a sua mãe; mas logo se consolou com a sua bela esposa e os seus filhos.

## MORALIDADE

*Esperar por um tempo um bom e rico esposo,  
Galante,<sup>11</sup> encantador, garboso,  
É coisa bastante vulgar,  
Porém, esperar por um século, e dormente,  
Moça igual não se pode achar,  
Que durma tão tranqüilamente.*

## OUTRA MORALIDADE

*A fábula deseja apenas nos mostrar,  
Que do hímen amiúde os nós tão delicados,<sup>12</sup>  
Não deixam de ser bons, ainda que adiados,  
Que espere quem se quer casar;  
Mas as mulheres, sempre a arder,  
Aspiram à fé conjugal,  
Que eu não tenho coragem, nem poder  
De lhes pregar esta moral.*

---

11. No século XVII, essa palavra significava *distinguido, cheio de graça*.

12. Os laços do casamento.

